

poesia". Voltam as imagens antigas, paisagens de velhas ruas, voltam as torres e os sinos do Coração de Jesus. Voltam as histórias reais, Borba Gato e Anhangüera, "Raposo Tavares e outros mais", volta o sertão e o mar, volta o olhar das garotas, voltam os sons do luar.

E voltam acompanhando referentes culturais, "Pade Ciço" e Lampião, Antônio Nobre e Pessoa, Pessanha e José Albano e Padre Antônio Tomás.

Canto Efêmero talvez tenha um único senão: seu próprio título, aliás desdobrado em "Palinódia", o poema de abertura: "já hoje, bacharel em desenganos, / move-me tão-somente a ânsia / de dar um pouco mais de ressonância / a esses textos que, escritos tão a esmo, / dizem tanto de mim, são tão eu-mesmo, / que, apesar do desejo de ficar, / tal como passarei, hão de passar. . ."

Os homens passam, é verdade, mas os textos ficam, quando têm valor, quando são verdadeiros, quando conjugam técnica e sensibilidade, enfim, quando são legítimas obras de arte. Daí a discordância: *Canto Efêmero* é poesia que vai permanecer na literatura brasileira como um de seus momentos mais expressivos, a despeito de uma própria transitividade poética, de sua própria brevidade discursiva, de sua própria efemeridade temática.

CARTA DE JORGE MEDAUAR A SÂNZIO DE AZEVEDO

É pena a gente não ter por aqui uma janela aberta num jornal para poder proclamar o quanto é bela a sua poesia. Você é um dos poucos poetas que ainda prezam a língua e trabalham o verso, enfeitando-os, quando quer, com a precisão de rimas dignas de um dos seus admiradores, que foi o mestre Guilherme de Almeida, sem dúvida um dos maiores técnicos da forma. Vejo que você dedica poemas a gente da melhor qualidade, como esse profissional do conto, que é Moreira Campos, meu mestre, Artur Eduardo Benevides, Antônio Girão Barroso e tantos outros que também são amigos e que tanto admiro. Quando leio um poeta ou prosador do Ceará, é como se lesse a um irmão, tanto que me sinto ligado a esta Fortaleza de muitos encantos. Mas voltando a seu *Canto Efêmero*, me detenho especialmente nos sonetos, todos eles elaborados da melhor matéria, com essa riqueza de conteúdo que faz do poema um momento de emocionalidade poética que fica a cantar dentro da gente como música que vem não do poeta, mas dos céus. Muitos de seus sonetos poderiam ser assinados até mesmo pelo próprio Guilherme, por Bilac ou Martins Fontes, tal o cuidado com que você monta cada palavra, cada verso, neles engastando (como se dizia) a rima de melhor efeito. Mas o que me prende ainda mais a seu mundo de belezas é esse amor à sua terra e aos valores humanos que você destaca com a eternidade de seu poema. Seus "Dez

sonetos de outros tempos" não são de outros tempos coisa nenhuma: são de todos os tempos, porque trazem a beleza das coisas que não se perpetuam a não ser no passar do tempo. De forma que o título de seu livro me soa assim como uma contradição, desde que nada me pareceu efêmero nessa sua bela obra, que li, reli e de que agradeço a remessa, para ficar sempre a ouvir essas suas "Serenatas de Fortaleza", mais do que musicais, liricamente poéticas.

Abraços do admirador

JORGE MEDAUAR

São Paulo, 20-2-86.

Tribuna do Ceará, Fortaleza, 15-mar-1986